JORNALISMO ANTIGORDOFÓBICO: POSSIBILIDADES NAS BRECHAS DA NARRATIVA DO PROFISSÃO REPÓRTER

Agnes de Sousa Arruda Rocco[1]

Mara Rovida Martini[2]

RESUMO: O programa jornalístico Profissão Repórter é conhecido por apresentar, em suas narrativas, o contraditório e a diversidade de perspectivas. No entanto, a partir de uma leitura mais detida, é possível perceber que, mesmo com a premissa diversa, o programa se atém ao senso comum no contexto da gordofobia. O fato foi observado na edição de 14 de junho de 2022, cujo tema em pauta era a cirurgia bariátrica. Tendo sido a gordofobia identificada como um problema de pesquisa na área da Comunicação, bem como uma dificuldade na cobertura jornalística, este artigo investiga brechas deixadas pela equipe de reportagem responsável pelo episódio em questão, que poderiam ter sido aproveitadas como possibilidades de desestigmatização das pessoas gordas. A metodologia se dá na análise de conteúdo e na revisão de literatura.

PALAVRAS-CHAVE: *Narrativa jornalística, Jornalismo antigordofóbico, Profissão Repórter, Análise de Conteúdo.*

[1] Doutora em Comunicação pela Universidade Paulista. Professora visitante no Departamento de Comunicação Institucional da Universidade Federal de São Paulo. Pós-doutorado em andamento no PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Professora no PPG de Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes. E-mail: agnesarruda@gmail.com.

[2] Doutora em Ciências da Comunicação pelaUSP. Docente do PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Pós-doutorado em andamento no PPG em Jornalismo da UEPG. E-mail: mara.rovida@prof.uniso.br.

ABSTRACT: The TV show Profissão Repórter is known for presenting, in its narratives, the contradictory and the diversity of perspectives. However, from a more detailed reading, it's possible to perceive that, even with the different premise, the show sticks to common sense in the context of fatphobia. The fact was observed in the edition of June 14, 2022, whose topic was bariatric surgery. Since fatphobia has been identified as a research problem in the field of Communication, as well as a difficulty in journalistic coverage, this article investigates gaps left by the reporting team responsible for the episode in question, which could have been used as possibilities for destigmatizing fat people. The methodology is based on content analysis and literature review.

KEYWORDS: *Journalistic narrative. Antifatphobia. Profissão Repórter. Content analysis.*

INTRODUÇÃO

No ar desde 2006, o programa Profissão Repórter, da TV Globo, é conhecido por apresentar reportagens com enfoques diversos e que, no geral, fogem ao senso comum. Dirigidos por Caco Barcellos, jovens jornalistas vão às ruas para, aparentemente, mostrar versões contraditórias e complementares de um assunto. A partir, no entanto, de um olhar mais aprofundado, é possível perceber que, mesmo com a premissa diversa, o programa se atém, por vezes, ao senso comum. Na edição de 14 de junho de 2022, cuja pauta girava em torno da cirurgia bariátrica, ou seja, de redução do estômago para o emagrecimento, observou-se justamente uma abordagem gordofóbica.

A gordofobia foi identificada como um problema de pesquisa na área da Comunicação justamente por se tratar de um preconceito associado à imagem de um corpo, a partir representações desses corpos nos meios hegemônicos e de sua (retro)ação no seio social (Autoria), que em muito reproduz o pensamento dominante. Além disso, o preconceito contra as pessoas gordas também foi observado como um desafio a ser enfrentado na cobertura jornalística (Autoria). Partindo desse contexto, este artigo investiga brechas deixadas pela equipe do programa Profissão Repórter no episódio em

questão, que poderiam ter sido aproveitadas com o uso das técnicas jornalísticas (Medina, 2003), revelando possibilidades narrativas alinhadas à desestigmatização das pessoas gordas em produtos de mídia, ao invés da confirmação de que, para a mídia, essas pessoas não passam de preguiçosas, desleixadas, sem força de vontade ou vaidade.

Para isso, é preciso contextualizar o problema de pesquisa que serve de ponto de partida para a reflexão, recuperando o contexto da relação entre a Comunicação, mais especificamente o jornalismo, e a gordofobia (tópico 2). Na sequência, apresenta-se a justificativa da escolha do objeto de estudo, bem como um quadro-resumo da leitura da narrativa do episódio analisado (tópico 3). A partir dos destaques anotados no mencionado quadro, realiza-se uma análise por inferência (Fonseca Junior, 2017) que permite avaliar a representação do preconceito contra pessoas gordas e indicar possibilidades para desenvolver uma abordagem antigordofóbica (tópico 4).

GORDOFOBIA E JORNALISMO

A relação entre a gordofobia e os meios hegemônicos de comunicação fica cada vez mais evidente. A tese O Peso e a Mídia (Autoria) identificou alguns dos padrões recorrentes dos media a essas pessoas: alívio cômico, estepe para a personagem principal, personificação do grotesco, eterna romântica e emagrecimento milagroso. São representações que tratam a pessoa gorda de maneira pejorativa, dadas ao riso ou a repulsa. Identificou-se também que essa forma de tratar as pessoas gordas remonta ao contexto social, carregando muitas similaridades entre as narrativas criadas para as personagens gordas e as histórias de vida narradas por elas em seus cotidianos, sendo que ora a mídia tensiona mais, ora os enfrentamentos do dia a dia são dignos da ficção.

Essas representações, no entanto, vão além da ficção e se expandem para o universo do jornalismo. É ainda em O Peso e a Mídia que a manchete (Autoria) "Após perder o pai e o emprego, atriz emagrece 15 quilos e fica gata" aparece sendo problematizada. A notícia faz referência ao emagrecimento da atriz Guta Stresser, intérprete de Bebel, em A Grande Família. Apesar de situada dentro do que se entende

por Jornalismo de Entretenimento ou do universo das celebridades, dá pistas sobre como a imprensa volta seu olhar para as pessoas gordas, reforçando que não há mal maior que o corpo gordo. Assim, começou-se a investigar essa relação específica entre a imprensa e a gordofobia (Autoria). O que se descobriu foi que o preconceito está tão presente no jornalismo quanto nas outras modalidades de conteúdo midiático. Mas com uma particularidade, sob os preceitos da objetividade e da imparcialidade, associados ao ofício, o conteúdo jornalístico é apresentado com ares de verdade absoluta, reforçando o preconceito.

No estudo (Autoria), que teve como base a cobertura jornalística da pandemia de covid-19, a questão se revelou de forma contundente com matérias e reportagens que estigmatizavam o corpo gordo e o associavam aos casos mais graves da doença sem qualquer explicação razoável, o que resultou no levantamento de duas novas hipóteses de pesquisa: a primeira indica que a composição e as práticas das redações jornalísticas interferem na produção de conteúdo hostil ao grupo formado por pessoas gordas a partir das escolhas e direcionamento das pautas, não levando em consideração a possível ideia da perpetuação de um preconceito. A outra se relaciona às condições contemporâneas de produção jornalística, que envolvem redações cada vez mais enxutas, acúmulo de funções, desvalorização da formação acadêmica, entre outros, que poderiam prejudicar o exercício da atividade de forma a reproduzir discursos preconceituosos.

Sendo necessária uma aproximação às redações jornalísticas para o teste dessas hipóteses, iniciou-se uma nova fase da pesquisa, que até o momento tem confirmado esses pontos, conforme apontam Autorias (2021a; 2021b). Em capítulo de livro no prelo, apresenta-se que o conteúdo jornalístico sobre pessoas gordas privilegia o tratamento patologizado e estereotipado, reducionista e pouco problematizador acerca do preconceito. Mesmo quando problematizada, a responsabilidade sobre lidar com a gordofobia recai sobre as próprias pessoas gordas, como por exemplo matérias que apresentam histórias de superação e de ações de grupos contra o preconceito cujas raízes sociais não são questionadas.

Apesar de confirmar as hipóteses pensadas para essa nova fase da pesquisa, o que chama a atenção nesses resultados é que os estudos em questão têm sido realizados junto a empresas jornalísticas que participaram do programa Diversidade nas Redações, promovido pelo laboratório Énois. Sob a premissa de promover a diversidade não apenas como pauta, mas também como condição *sine qua non* no jornalismo, seria de se esperar que essas redações estariam melhor preparadas para tratar desses assuntos. No entanto, quando a pauta é gordofobia, não há preparo para tal. Sendo assim, parece até esperado que um programa *mainstream,* como o Profissão Repórter, deixe brechas nesse sentido, mesmo sendo reconhecido por sua suposta cobertura plural, como será demonstrado a seguir. Mas, para ir além da análise crítica, cujo resultado pouco avançaria nos estudos e na reflexão sobre o tema, o objetivo desse artigo é apontar para brechas presentes na própria narrativa em análise que poderiam ser aproveitadas numa proposta antigordofóbica.

PROFISSÃO REPÓRTER E A EDIÇÃO EM ANÁLISE

"Dirigido e apresentado pelo jornalista Caco Barcellos e produzido pela Rede Globo de Televisão, Profissão Repórter reúne atributos e inovações que o permitem ser visto como laboratório da reportagem" (Moser, 2021:150). A qualificação do programa telejornalístico apresentada por Magali Moser (2021) não é excepcional. Tanto pesquisadores de jornalismo quanto jornalistas em atuação costumam identificar na equipe do Profissão Repórter a capacidade de lidar com o contraditório, com a experiência de personagens que ganham maior destaque do que as chamadas fontes especialistas e, por isso, a pluralidade de vozes e perspectivas se mostra alcançável. "Após a exibição de seu episódio piloto, em 28 de abril de 2006, no Globo Repórter, ganhou espaço como quadro do Fantástico meses depois, e o sucesso lhe garantiu lugar fixo na grade da emissora, a partir de 3 de junho de 2008" (Moser, 2021:150). Assim, além de ser entendido nessa qualificação de um produto jornalístico que se pauta por narrativas plurais e diversas, o programa tem se mantido no ar há mais de dez anos em formato que enfoca a reportagem e seus bastidores.

Para a presente análise, foi selecionada a edição veiculada em 14 de junho de 2022[3] cuja pauta é a cirurgia bariátrica – redução do estômago para emagrecimento. O vídeo tem 35 minutos e 27 segundos e está dividido em dois blocos, como é padrão do programa. A maior parte do conteúdo está no Bloco 1; a introdução é marcada por uma entrada que parece contradizer o modelo de narrativa do lide – por inserir a audiência, sem muitas explicações, em cena que será contextualizada apenas depois –, seguida de uma breve apresentação do repórter Caco Barcellos e a vinheta de abertura.

A seguir apresenta-se um quadro-resumo do conteúdo da edição com destaque para passagens consideradas brechas que poderiam ser usadas para uma reflexão mais aprofundada sobre o contexto da gordofobia. Ressalta-se ainda que o resumo tenta resgatar características da narrativa audiovisual incluindo aspectos verbais e imagéticos, embora não se tenha feito uma leitura detalhada de enquadramento e iluminação.

QUADRO 1 – RESUMO DA EDIÇÃO DE 14/6/2022

Divisão	Repórter	Conteúdo
1. Introdução	Guilherme Belarmino	Abertura com cena da chegada do repórter à casa da personagem que será acompanhada no processo da cirurgia bariátrica em Salvador. A personagem fala sobre sua doença – obesidade mórbida 3 – e sobre a expectativa de "borboletar" – sair do casulo desse corpo. No dia seguinte, o repórter acompanha a personagem e o marido ao hospital para o procedimento cirúrgico.

[3] Além da veiculação no canal de TV aberta na mencionada data, o episódio também está disponível nas plataformas digitais da Rede Globo, para consumo sob demanda, como no streaming Globoplay: https://globoplay.globo.com/v/10669687/?s=0s Acesso em 27 jul 2022.

2. Resumo da edição	Caco Barcellos	O repórter apresenta as estatísticas de cirurgias bariátricas realizadas no Brasil; chegando à marca de 70 mil procedimentos em um único ano. Apresenta a edição que contará a história de pessoas que querem fazer a cirurgia, que estão prestes a fazê-la ou que já fizeram.
3. Introdução das personagens	Nathalia Tavolieri Daniela Zampollo	**Personagem 1 – Joyce** O texto OFF da repórter Nathalia Tavolieri traz um resumo da história de Joyce que perdeu 40 quilos depois da cirurgia realizada há quatro anos. O marido da personagem fala rapidamente e volta o OFF da repórter que traz detalhes do que aconteceu depois do procedimento: *a compulsão por comida foi substituída pela compulsão por compras.* A fala do marido reforça a relação com um processo de adicção, ele menciona o termo recaída para álcool e drogas como algo comum aos pacientes de bariátrica. **Personagem 2 – Camila** A repórter Daniela Zampollo chega à casa da personagem e compõe a introdução com cenas dessa chegada e OFF com resumo da história da fonte que já foi entrevistada em outra edição do programa que tratava do mesmo assunto. Ela mora com os pais e o filho. Trazem algumas imagens da edição de 2008. *Ela, se olhando no espelho, diz que quer e vai voltar para os 60 quilos*.
VINHETA DE ABERTURA		
4. Salvador (BA)	Guilherme Belarmino	O repórter apresenta o hospital referência no atendimento à obesidade. Entrevista *algumas pessoas em atendimento (todas mulheres)* e médicas. Explica a obesidade mórbida e a seleção para a cirurgia. Traz dados da população brasileira (a que mais engordou durante a pandemia). Acompanha algumas conversas com pacientes: descrição da obesidade (sobrepeso) e seus derivados (pressão alta, diabetes, etc). *Personagem fala sobre como se sente em ambientes públicos como ônibus, em uma loja comum para comprar roupas porque não tem seu tamanho, a vergonha de ir a uma praia, entre outras situações em que seu corpo não se adequa*. Uma das médicas traz o elemento emocional para falar que a cirurgia não resolve tudo. Mas essa informação fica no ar e corta-se para outra história.

5. São Paulo (SP)	Daniela Zampollo	A repórter retoma a chegada na casa de Camila. São recuperadas cenas da edição de dezembro de 2008 quando ela estava se preparando para fazer a cirurgia. Ressalta-se, no episódio de 2008, o emagrecimento. Em 2022, a personagem está com peso ainda superior. O sobrepeso e as dificuldades da vida financeira (desempregada, faz bicos de manicure) são comentados, enquanto Camila vai buscar o filho na escola de carro *(reforça-se a preguiça – a mãe de Camila usa o termo sedentária – da personagem que não vai a pé, ainda que a escola seja próxima)*. *Aos 43 anos, Camila voltou para a casa dos pais e diz ser culpada por essa situação – dá a entender que tudo isso se deve ao sobrepeso.* *A repórter reforça a falta de disposição física da personagem. A própria Camila usa essa deixa para indicar que quer ensinar o filho a ter bons hábitos praticando atividades físicas para evitar o sedentarismo (dela).*
6. São Paulo (SP) 2	Nathalia Tavolieri	O marido de Joyce enfatiza como a mulher ficou "bem" depois da cirurgia, se tornou uma pessoa mais feliz e de bem com a vida. No OFF da repórter, alguns detalhes da são apresentados como a decisão de Joyce em parar o acompanhamento psicológico pós-cirurgia. Ela começou a manifestar compulsão por compras e medicamentos. Ainda na fala da repórter, mostra-se que a personagem está internada numa clínica psiquiátrica. Ela entrevista os filhos da Joyce – Gabriel de 12 anos repete o discurso de que ela está na clínica para sair melhor, sem tomar remédios. A repórter apresenta agora a clínica e enfatiza que 30% dos pacientes internados ali fizeram a bariátrica e se tratam agora da compulsão por álcool, drogas ou medicamentos. Uma das companheiras de Joyce, Janete, é apresentada como uma pessoa que estava acima do peso, mas não era considerada obesa, por isso fez uma dieta para engordar e alcançar a marca mínima recomendada para a bariátrica. Depois da cirurgia, ela se tornou alcóolatra. A psicóloga fala na presença das duas pacientes. *Fala-se sobre o descompasso entre a quantidade de comida que o corpo consegue suportar e a "cabeça", isto é, o entendimento que a pessoa tem sobre si mesma. Esse descompasso parece ser outro gatilho que desencadeia diferentes formas de compulsão.*

7. Salvador (BA)	Guilherme Belarmino	Retoma as entrevistas com pacientes do hospital especializado em obesidade. As pessoas abordadas e apresentadas são todas mulheres. Há uma ênfase na dificuldade de locomoção de uma das entrevistadas que se mostra mais disposta depois de andar um pouco. A própria personagem diz que se sente melhor depois de subir uma rampa do hospital. O repórter acompanha a consulta. Fala-se do peso que começou a aumentar depois da primeira gestação e os problemas emocionais. A médica indica ser essa uma doença multifatorial, mas que tem relação com o emocional.
8. São Paulo (SP)	Daniela Zampollo	Voltamos para uma cena já apresentada duas vezes na edição: Camila dizendo que "a gente opera o estômago, mas o cérebro não". Agora a fala se prolonga e a entrevistada explica que o processo todo resulta num impacto emocional que não pode ser desprezado. Novo OFF de Daniela Zampollo retoma a história de Camila, num breve resumo sobre a edição de 2008 e o que aconteceu desde então. A personagem acaba trazendo uma perspectiva crítica sobre a bariátrica: "a bariátrica não é a solução dos problemas". Mas a falta do acompanhamento psicológico resultou no alcoolismo, a informação vem no OFF da repórter e é comentada pela entrevistada. Ela está fazendo exames médicos que podem resultar numa nova cirurgia bariátrica. Entra a fala de um especialista para comentar a obesidade mórbida (Camila havia mencionado que seu IMC atual a classifica dessa forma). O médico começa dizendo que a cirurgia não é uma cura para a doença, uma vez que ela não tem cura. Segundo o médico Fábio Viegas, a cirurgia é um mecanismo de controle. Ele comenta as estatísticas sobre a segunda cirurgia que não seria uma nova bariátrica, mas sim uma revisão anatômica do procedimento original. Volta para a personagem com imagens da edição de 2008. *Ela está em frente a um espelho e é perguntada sobre o que a incomoda, o que é respondido com "tudo me incomoda"*. E começa a chorar. Então, voltam para 2022 e ela comenta a cena da edição anterior. Novamente em frente a um espelho, ela fala ainda do incômodo, mas ameniza o impacto que isso tem hoje, embora reforce que sua meta é alcançar o menor peso que teve (60 quilos) depois da cirurgia.

Revista ALTERJOR
Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)
Ano 14 - Volume 02 - Edição 28 - Julho-Dezembro de 2023
Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

9. São Paulo (SP) 2	Nathalia Tavolieri	*Mostra-se a imagem de Joyce com uma fala enfática: "toda hora comendo, toda hora comendo, toda hora comendo".* Depois corta-se para o OFF da repórter que retoma o contexto das duas personagens da clínica: Joyce que trocou a compulsão pela comida por remédios para dormir e Janete que trocou a comida por bebida alcoólica. Entra em cena uma especialista. Junto com as duas personagens, ela é questionada sobre o tratamento de ambas. As pacientes ficam ao lado ouvindo a conversa. Ela fala sobre o tempo de tratamento e corta novamente para um OFF de contexto. A repórter traz a informação de que a própria psicóloga também passou por uma cirurgia bariátrica há 10 anos. A psicóloga conta: *"eu ficava num quarto escuro assistindo série e comendo. O mesmo padrão de comportamento de um dependente químico que se tranca num hotel e fica usando seja cocaína, álcool ou com uma garota de programa. Depois vem a culpa, vem o mal-estar. É o mesmo sistema".* Joyce traz um relato que corrobora a relação entre uma e outra compulsão. Janete faz um relato familiar de relação com a bariátrica e o OFF da repórter contextualiza essa internação que é a quarta do histórico.
10. Salvador (BA) Bloco 2 Salvador (BA)	Guilherme Belarmino	Retoma-se as cenas já exibidas da chegada do repórter à casa da personagem e acrescentam-se novas partes: *a personagem retira roupas de um armário dizendo que não servem mais, mas que ela continua guardando na expectativa de usar futuramente quando emagrecer. Fala que só tira fotos escondendo o corpo atrás de outras pessoas e finalmente mostra uma imagem antiga com o auge do seu emagrecimento e o repórter observa que ali ela não estava atrás de ninguém.* Eles conversam sobre as expectativas pós-cirurgia: mudança de alimentação, perda de peso etc. Corta para o dia da cirurgia. Ela está se preparando para ir ao hospital e repete a fala sobre o "borboletar". Já no hospital, o repórter passa a acompanhar à distância. O médico explica a cirurgia. A personagem enfatiza que não teria outra forma de emagrecer, porque já tentou tudo e não deu certo. A cirurgia é o que vai resolver. Bloco 2 A paciente passa de maca pelo marido e o lembra que precisa

		se alimentar. O repórter pergunta sobre isso: a lembrança é um cuidado típico da personagem. A espera de notícias é acompanhada. Ela passa por eles na maca e diz que está bem e fala para o marido voltar para casa. Voltam no dia seguinte, o repórter ouve o médico sobre a alimentação depois da cirurgia. A paciente diz que vai recomeçar tudo agora.
11. São Paulo (SP) 2	Nathalia Tavolieri	Joyce vai ter alta. Resgatam o contexto da dependência química que a levou para o hospital. A família (marido e dois filhos) vem buscá-la depois de 4 meses. Uma funcionária faz um último recado antes da saída final. Um mês depois da alta, a personagem é reencontrada em uma visita a sua irmã que vai fazer a cirurgia bariátrica. Ela entrega o quadro pintado na clínica. A repórter traz o contexto da irmã em OFF. *A edição finaliza com a irmã de Joyce falando sobre o sonho de andar de bicicleta, com o vento batendo no rosto o que seria impossível com o peso atual.* Algumas cenas da edição aparecem para fechar o tempo dos créditos.

Produção das autoras.

ANÁLISE E ENCAMINHAMENTOS

Como modelo de análise, optou-se pela estratégia de inferência da Análise de Conteúdo, na leitura de Fonseca Júnior (2017), a qual "é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada" (Bardin *apud* Fonseca Junior, 2017:284). Dessa forma, os destaques do quadro anterior revelam vestígios ou brechas que permitem refletir sobre momentos da narrativa com potencial para explorar uma postura antigordofóbica. Isso porque os trechos evidenciam o quanto o olhar jornalístico para as questões das pessoas gordas está enviesado negativamente, não considerando uma série de desdobramentos que ajudam justamente a desmitificar a ideia de que o peso corporal é apenas uma questão de preguiça, desleixo, falta de força de vontade.

De partida, tem-se a ideia da compulsão da personagem Joyce, que pós-cirurgia passou do alimento para as compras. Não há, em nenhum momento, uma abordagem mais aprofundada sobre distúrbios dessa natureza, e o quanto eles podem interferir no peso corporal, mesmo que a pessoa tenha uma rotina de alimentação e exercícios considerada saudável; sendo esse tratamento generalista em relação às pessoas gordas um dos pontos identificados em pesquisas anteriores que relacionam a gordofobia com a mídia (Autoria).

Já quando a personagem Camila é gravada em frente ao espelho e diz querer voltar para os 60 quilos, não se questiona o porquê desse peso, sua razão de ser, seu fundamento, reforçando o que Sanches (2018) discute sobre a cultura das dietas, ou seja, o emagrecimento pelo emagrecimento, sem uma razão objetiva de ser. Esse ponto reaparece quando a personagem chora em frente ao espelho e diz que tudo em seu corpo a incomoda. Fica evidente, ainda, o quanto o gênero importa nessa questão. As personagens são todas mulheres, assim como as pacientes das imagens de cobertura, mas isso não é abordado na reportagem, que também ignora o quão o preconceito é estrutural, ao não questionar a fala da personagem que se sente desconfortável em uma série de espaços, além de excluída de outros, como se fosse algo natural.

O ímpeto de confirmar que pessoas gordas são preguiçosas e sedentárias aparece nas falas relacionadas à personagem Camila. Embora esse seja o caso da personagem, ele é tomado como se fosse generalizado, reforçando o estereótipo do preconceito, assim como quando aparece a fala da irmã da personagem Joyce, que encerra o programa, dizendo que tem o sonho de andar de bicicleta, com o vento batendo no rosto, o que seria impossível com o peso atual, ignorando que a prática de exercícios também é algo negado às pessoas gordas. Para Valias (2021, online), “Pessoas gordas não estão se exercitando em academias, parques públicos, quadras esportivas não porque são preguiçosas e relaxadas, mas, sim, pela ausência de um ambiente seguro”.

A autora Ellen Valias é conhecida na internet como Atleta de Peso. Atleta de alto rendimento, Valias também é profissional da Educação Física e demonstra diariamente o quanto pessoas gordas são capazes e teriam condições de praticar

exercícios físicos se fossem acolhidas. No entanto, a hostilidade com a qual são tratadas alimenta um ciclo que as afasta da prática, e isso sequer é cogitado pela reportagem.

> Nunca foi sobre saúde, sempre foi sobre imagem. A falta de acolhimento afasta as pessoas gordas das atividades físicas e dos esportes, é claro. Ninguém fica onde o próprio corpo é julgado e ridicularizado. Nas academias, a primeira coisa a que uma pessoa gorda tem acesso quando faz a matrícula é um leque de opções para emagrecimento. Isso precisa parar. Exercício físico melhora a nossa saúde física e mental, e se o problema fosse, de fato, saúde, todos estariam lutando com a gente pelo acesso das pessoas gordas à saúde (VALIAS, 2021, online).

Outro ponto de interesse que poderia ter sido abordado pela reportagem e não foi é o da personagem que guarda-roupas que não servem mais para serem usadas depois da cirurgia. Isso porque o vestuário é uma grande limitação da vida da pessoa gorda, que não encontra o que vestir com facilidade, mesmo com o crescimento do que se convencionou chamar de mercado *plus size,* conforme teoriza Aires (2019). O vestuário tamanho grande é limitado em quantidade, em variedade e em preço. No entanto, a responsabilidade sobre como a pessoa gorda se veste recai única e exclusivamente sobre ela; entre os estereótipos da gordofobia está justamente o desleixo e a falta de vaidade (Autoria).

Além das passagens relacionadas diretamente à questão da gordofobia, destacam-se três momentos do episódio em análise que apontam, de forma até persistente, para um aspecto da pauta que poderia encaminhar a narrativa para o contexto de outra doença, classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) na CID-10 como síndrome de dependência[4]. A adicção, comumente vinculada ao uso de substâncias químicas como álcool, drogas e fármacos, também tem relação com outras formas de dependência que denotam um comportamento compulsivo por compras, jogos de azar, sexo, pornografia e alimentos hiperpalatáveis (Nunes Neto, 2017).

[4] "Adicções são comportamentos classificados como enfermidades que afetam diretamente as emoções e criam no indivíduo a condição de dependência. Nesse sentido, entender o que é adicção ajuda a direcionar condutas favoráveis à superação de um problema que pode comprometer a racionalidade e trazer graves prejuízos" (O que, 2021, s/n).

QUADRO 2 – BRECHAS SOBRE O CONTEXTO DE ADICÇÃO

Divisão	Trecho
3. Introdução das personagens	[...] a compulsão por comida foi substituída pela compulsão por compras.
6. São Paulo (SP) 2	Fala-se sobre o descompasso entre a quantidade de comida que o corpo consegue suportar e a "cabeça", isto é, o entendimento que a pessoa tem sobre si mesma. Esse descompasso parece ser outro gatilho que desencadeia diferentes formas de compulsão.
9. São Paulo (SP) 2	[...] "eu ficava num quarto escuro assistindo série e comendo. O mesmo padrão de comportamento de um dependente químico que se tranca num hotel e fica usando seja cocaína, álcool ou com uma garota de programa. Depois vem a culpa, vem o mal-estar. É o mesmo sistema".

Produção das autoras.

Ainda que essa correlação tenha sido trazida para o episódio em diferentes momentos da narrativa, conforme o quadro 2, esse dado não é explorado como parte de um problema de saúde enfrentado por diferentes personagens, incluindo uma fonte ouvida como especialista. Talvez a perspectiva hegemônica da patologização do corpo gordo tenha ofuscado esse dado da informação jornalística e seja mais uma brecha que a pauta deixa em aberto, mas que poderia ajudar a compreender melhor o tema abordado no episódio. Isso porque os trechos destacados apontam para um tipo de problema de saúde enfrentado pelas personagens que não está relacionado ao corpo gordo e justamente por esse motivo a cirurgia bariátrica não é um tratamento adequado e, por vezes, pode até intensificar ou alterar a forma de compulsão apresentada pela pessoa que se submete a esse tipo de procedimento. Essa percepção aparece no depoimento de mais de um personagem ouvido no episódio em análise.

Tem-se aí um fechar de olhos sistêmico do jornalismo para as questões que poderiam dar início à desconstrução dos estereótipos da gordofobia. Aqui, o problema técnico da apuração jornalística que ignora as descobertas obtidas no processo de apuração relaciona-se, em hipótese, com o preconceito. Ao considerar de partida que pessoas gordas são doentes, qualquer outra questão associada à saúde é consequência do corpo gordo, e não o contrário, reforçando o discurso do "é só ter força de vontade" ou do "só é gordo quem quer" que, como sabido, desencadeia uma série de distúrbios e retroalimenta o comportamento nocivo, seja da própria pessoa, seja da sociedade, em relação ao corpo gordo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em "A arte de tecer o presente", primeiramente publicado na década de 1970 em coautoria com Paulo Roberto Leandro, Cremilda Medina (2003) traz para o centro do debate sobre o fazer jornalístico o personagem que melhor representa a mediação social exercida pelo jornalista, o repórter. É no exercício da reportagem que, segundo Medina (2003), o jornalista tem a possibilidade de exercer de forma plena o papel de mediador social. Ao tomar essa perspectiva como apoio, tem-se o entendimento da representatividade que o Profissão Repórter tem para o campo do jornalismo. Por isso, a escolha da produção não apenas indica a necessidade de refletir sobre o preconceito contra pessoas gordas, como também reforça que alguns estereótipos são tão arraigados que podem passar despercebidos pelas equipes mais experimentadas na arte de tecer o presente.

Em sua visão sobre o fazer reportagem, Medina (2003) indica que é no contato com o outro, na relação que se constrói com os personagens das narrativas, que as grandes temáticas sociais contemporâneas ganham cores, sabores e concretude. Pelas histórias singulares, o mediador toca em questões centrais do cotidiano. As brechas não aproveitadas que permitem uma postura antigordofóbica à equipe responsável pela reportagem analisada fazem parte da própria narrativa. São pontos presentes na fala das personagens que se mostram, inclusive, de forma insistente, mas não parecem ser

percebidos e são ignorados na costura realizada pelos repórteres. Assim, os pontos destacados na análise permitem afirmar que o diálogo entre repórteres e fontes não se estabeleceu em sua plenitude e isso se deve, em algum grau, à força do preconceito.

A narrativa é uma maneira que o humano ser, de acordo com a abordagem de Medina (2003), tem de organizar o caos da vida. Esse dizer sobre a realidade é reconstrução simbólica do real; algo essencial para sobreviver, assim, narrar é mais do que um talento de alguns, é uma necessidade de todos (Medina, 2003). Nessa perspectiva, a narrativa jornalística tem representatividade ampliada.

> Ao se dizer, o autor se assina como humano com personalidade; ao desejar contar a história social da atualidade, o jornalista cria uma marca mediadora que articula as histórias fragmentadas; ao traçar a poética intimista, que aflora do seu e do inconsciente dos contemporâneos, o artista conta a história dos desejos. Da perspectiva individual, sociocomunicacional ou artística, a produção simbólica oxigena os impasses do caos, da entropia, das desesperanças, e sonha com um cosmos dinâmico, emancipatório (MEDINA, 2003, p. 48).

Assim como proposto por Medina, a narrativa do episódio do Profissão Repórter analisada guarda em si o potencial de articular histórias fragmentadas que apontam para uma discussão diferente da ideia que patologiza o corpo gordo. Isso porque os trechos destacados ajudam a perceber um contexto mais amplo, complexo e com nuances que, se aproveitados, enfatizariam ainda mais o questionamento proposto pela própria reportagem: a limitação da cirurgia bariátrica como tratamento. Acrescenta-se ainda que essa limitação também se deve ao fato de que o problema de saúde das personagens da narrativa não é o peso de seus corpos.

Referências

AIRES, Aliana. **De gorda a plus size***:* a moda do tamanho grande. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. "Análise de Conteúdo". DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017, p. 280-304.

O QUE é uma adicção: o que leva as pessoas a esse comportamento e quais são os tipos. **Hospital Santa Mônica,** 2021. Disponível em https://bit.ly/3oy5CmX. Acesso em 27 jul 2022.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente** – narrativa e cotidiano. Summus, São Paulo: 2003.

MOSER, Magali. **O método da reportagem***:* um estudo a partir de depoimentos de repórteres especiais. 402 f. Tese. Doutorado em Jornalismo. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Vianna Barreto Meditisch. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2021.

NUNES NETO, Paulo Rodrigues. **Adicção por alimentos***:* prevalência, correlatos psicopatológicos e associações com qualidade de vida em uma grande amostra fortaleza. 143 f. Tese. Doutorado em Ciências Médicas. Orientador: Prof. Dr. André Ferrer Carvalho. Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2017.

SANCHES, Rodrigo Daniel. **Corpus Alienum:** efeitos do discurso das novas dietas, corpo-projeto e mídia. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

VALIAS, Ellen. "Profissionais de educação física não sabem acolher pessoas gordas". In **Uol Olimpíadas**. 19 jul. 2021. Disponível em: https://bit.ly/3OEYgsj. Acesso em 28 jul. 2021.